

ANTOLOGIA AFRO-BRASILEIRA

Organização de Luiz Mauricio Azevedo

RONALD AUGUSTO

duas breves elegias

nessas viagens em que estradas
se desatam num sem-fim
em algum momento
entre uma e outra colina desbastada
vislumbro o mesmo sempre passarinho
em voo ansioso lado a lado com o ônibus
por alguns segundos

a noite escapa das entranhas
dos milhares de eucaliptos
e vai comendo devagarinho
a estrada pelas duas pontas

jazz coisa

um cara negro olho no olho da câmera
enquanto mete os beijos no bebedouro
destinado à branquitude

outro cara, um negro de nome clausal
mãos no teclado do piano como se dissera
me dá isso aqui que vocês vão ver só uma coisa

adorno dando com os cornos
em portões que não se abrem às suas pressuposições
sem ter ideia do como se haver com essa forma
de traição com essa sem-cerimônia no limite
da liturgia com esse
transe de desobediência civil

simplício

movimento é princípio de physis.

os céus estão sujeitos à geração e à corrupção.
para cada um dos possíveis movimentos simples
a conversiva, mover-se segundo
uma premissa que não é tolerada.

o fogo
a terra
onde se acoita o éter indefensável.
os três movimentos simples entalam o vale.
a estrada e as pedras de sal
a salmoura nos pés esfolados de simplício
simplício e a circunferência.
os corpos
os corpos
os corpos os corpos os corpos
no capítulo dois do livro um.
o que pode ser completado é não perfeito

Ronald Augusto é poeta e ensaísta. Formado em Filosofia pela UFRGS. É autor de, entre outros, *Homem ao Rubro* (1983), *Puya* (1987), *Kânhamo* (1987), *Vá de Válha* (1992), *Confissões Aplicadas* (2004), *No Assoalho Duro* (2007), *Cair de Costas* (2012), *Oliveira Silveira: poesia reunida* (2012), *Decupagens Assim* (2012), *Empresto do Visitante* (2013) e *À Ipásia que o espera* (2016). Dá expediente no blog www.poesia-pau.blogspot.com e é colunista do portal de notícias Sul21. Seu mais recente livro é *O leitor desobediente*, lançado em 2020, pela editora Figura de Linguagem.

ELIANE MARQUES

POEMA A

Entre as patas ruminâncias que se pisaram domésticas
inhames como arenques
desabrem
nômades de gestos e facas
miudezas que se encurtam no

terreno tornado lastro
já há quem o conserve
apesar de esgoto o pasto
feito resto de viagem

e não mais temente
quando quase abril
o lume que o encabeça agiganta
o lenço

nele insiste em sua têmpera
vermelha
encouraçada também das distâncias
a chuva

dúzia de partidas sob o equinócio
bah!
o fogo se abranda para que em suas gargantas
e em seu lenço
para que dia onde os tufos
de cinza um tufo
os seus cabelos

doze batidas pelo outono pele geada
a gelosia
salinas as dívidas
impagas

que se sustentam como inhames sem raiz
cortá-los, assim, tão rentes?
tão pouco seus aquele terreno

plosivos atado às pálpebras
do que parecia

POEMA B

feito um arenque
que os urubus cobiçam dos montes
embuchados da terraria
e das picadas
que coisa doida como se um tapete de estopa
rastilha
e se coça
e nunca voltou para casa
e se topa com o manco das coxas
e nunca voltou para casa
aí o seu respiro como se do fundo do oceano
o oxigênio manco
parece o bocejo de um quase morto
parece o dadejo de ombros
e ninguém ileso
e nunca voltou para casa
assim se fez
junto ao mar onde garoa um março
o osso feito farinha de mandioca
a coluna vergada de quem nunca volta
porque depois de uma cousa como essa se anda com a bunda de arrasto
de outro modo parasitas em menos de uma hora
um fosso branco
de onde o jardineiro cansado (ou satisfeito)
se evade

agora
uma armação de paus e ferrugem
as toma com as mãos
que nem tomates
que nem no curto tempo de graça antes da queda

mesmo assim
tendo as costas voltadas, feito olurombi contra o iroco
nunca voltou

Eliane Marques nasceu na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. É poeta, ensaísta e editora. Atualmente mora em Porto Alegre, onde coordena a Escola de Poesia. Publicou *Relicário* (Grupo Cero, 2009) e *e se alguém o pano* (Escola de Poesia, 2015). Com outras autoras, publicou *Arado de Palavras* (Grupo Cero, 2008) e *Blasfêneas: mulheres de palavra* (Casa Verde, 2016). Traduziu *O Trágico em Psicanálise*, de Marcela Villavella (Ediciones Psicolibros, 2012) e *Pregão de Marimorena*, de Virginia Brindis de Salas, para a editora Figura de Linguagem (2020). Acaba de concluir a revisão de seu novo poemário *O Poço das Marianas* a ser publicado ainda em 2020.

CIDINHA DA SILVA

Trem desgovernado

Saudade é um trem que dói demais. Eu não sinto. Evito sentir. É mais fácil imitar Paulinho da Viola e dizer que não sinto saudade porque o vivido está em mim, mora em mim. Em parte é verdade, tudo o que vivi é meu, é matéria constitutiva da minha humanidade. Mas tem muito de mentira. Na real eu não sinto saudade porque não aguento. Saudade espicaça o peito e é uma dor que nada aplaca. Dor sem remédio dói demais da conta. Eu tenho memória, mas não tenho saudade. E não tenho banzo que é a saudade elevada à enésima potência. Saudade é corte seco no vivido, mesmo que em sonho (aquilo que se queria viver). Porque o tempo não volta. O tempo não para. O tempo só avança. Saudade não tem amargura, mas tem melancolia. Amargura destrói. Melancolia dói. Saudade é indomável, incontornável, porteira sem tramela que bate, bate, toda vez que o vento da lembrança toca. Saudade é trem que corre fora dos trilhos, em desatino, como coração de menino, e apita, apita. Sem parar.

Cidinha da Silva nasceu em Minas Gerais; é escritora e editora. Ela publicou 17 livros em diversos gêneros, entre eles: *# Parem de Nos Matar!; Kuami e O Teatro Negro de Cidinha da Silva. Um Exu em Nova York* recebeu o

Prêmio da Biblioteca Nacional (contos, 2019); *Explosão Feminista* (ensaio), do qual é coautora, foi finalista do Jabuti e venceu o Prêmio Rio Literatura (ambos em 2019).

JEFERSON TENÓRIO

como lidar com leões

antecipa o rumor
doma o suor
escuta o poço
deita a relva
conhece o barro
a lama e o pó
afia a pupila
enrijece o sonho
deita o pranto
e conhece os dentes

naufrago sem farol

um cão molhado
vagando pela chuva
refletida na poça
um farol apagado
mar aberto em mágoas
um cão cavernoso
a sede reconhece a água suja
um cão sem barco

naufrágio
um cão dorme
após lambar o que restou

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. É escritor, professor de língua portuguesa e mestre em literaturas luso-africanas, pela UFRGS. É autor de *O Beijo na Parede* (editora Sulina) e *Estela sem Deus* (editora Zouk). Mora em Porto Alegre.

PRISCILA PASKO

Maré baixa

Quero deixar claro, no entanto, que é uma questão de escolha. Desde o dia em que resolvi rasgar o chão da sala. Nadava, nadava a seco como se a minha força fosse reza. Eu, me arrastando pelos cômodos, provocando o lugar onde piso. Atrito. Saltos de ponta da borda da mesa, por vezes me ferindo ou desmaiando. Pouco importava se dali brotasse o mar. Cair de costas, apneia. Se a praia nascesse em minha casa. Um dia, levei o susto, o maior que um ser vivo poderia levar, o do começo. Escutei o segundo inaugural do mundo: ouvi a primeira onda quebrar. O grito, o gozo que fundou a minha existência, e depois dele um milhão de outros. O mar na minha sala. Minutos, horas, milênios mergulhados em espumas e maresia. É aqui, pois, que eu tenho ficado a ver os dias passarem. Nada importa lá fora se aqui minha pele salga. Por isso o problema com o meu marido, não entendeu. Devia estar cego, fora de si para ignorar o mar que nos cerca. Durante uma discussão, duas noites atrás, empurrei-o do sofá, fazendo com que caísse no chão, quer dizer. Hoje é dia de maré baixa, mas, até agora, nada do corpo dele aparecer.

Priscila Pasko nasceu em Porto Alegre. É jornalista e escritora. Entre os anos de 2015 e 2018, dirigiu o blog *Veredas*, onde divulgava e debatia a produção literária feminina. É autora do livro *Como se Mata uma Ilha* (Editora Zouk).

LUIZ MAURICIO AZEVEDO

Perto da porta

Nasci da pedra, vindo filho de Zumira, neto de Cipriano, bisneto de Ostelina; e para sempre serei eu, mesmo que não queira. Sei bem pouco do vento vindo do norte ou de barra de ouro ou de barco de ferro ou outra coisa que se perca sem que eu note na presença de estranhos.

—

É isso que ela pensa de mim; eu, que sempre colho mais e sempre canto mais alto; eu, o que nasceu de alma amputada e mão podre pra vida.

—

Que tipo de autoridade teria eu para desativar todas as fantasias costuradas por ela nessa terra? De onde sairia a força de meus braços para arrancar tudo quanto é corrente e nadar tudo quanto é rio? Ainda que eu deixasse de temer tudo o que me cerca – grillão, alicate, bola de ferro, máscara de colcha – nada disso me daria um terço do que ela jura que está reservado para mim lá fora. Por isso, acho que fiz bem não ir. Mais vale é escrever essas linhas para que vocês compreendam o que se passa por aqui. Há muitas descobertas e para cada uma delas há um descobridor, um escrivão e um olho a quem dar conta. Cada qual dá o que pode e responde ao que tem.

Em cinco, seis luas vai aparecer aqui o inglês. Foi porteira fechada. Uns falam que o destino é a Sonho Verde e que lá não é como aqui, na Aurora. Aqui sinhá não permite que bata na cara. A sinhá não permite barão carcar por trás. A sinhá tem regra rígida. E Barão respeita ela. Não vejo faísca de motivo pra sair.

—

Pode até ser, mas ela fala comigo como quem fala com planta daninha. Não adianta mesmo me ameaçar, não vou com eles nem que me passem o olho na brasa. Algo de muito grave aconteceu. Agora não tem volta. Não foi como quando o Zamir pegou doença e soltou sangue por baixo. Nem é do corpo duro, de ferida que seca com erva ou do relho que pegou mais fundo. É de entro.

Eu não sou deles. Eu vou ficar.

LUIZ MAURICIO AZEVEDO nasceu em Cascavel, em 1980. É crítico literário, escritor e editor. Formado em Letras, pela PUCRS, tem doutorado em Teoria e história literária, pela UNICAMP. É autor de oito livros, dentre eles de *A Toupeira Invisível: marxismo negro e cultura antimarxista em Ralph Ellison* (Editora Figura de Linguagem).

FERNANDA BASTOS

Queda

soube pelos professores do fim romântico
eram jovens e se acabaram por amor ou fome
ouvi meu amor dizer que a esposa o encontrou
em casa com os cachorros sem entender
imaginei ele mesmo retornando e me vendo
pelos meus pés roxos sem compreender também
imaginei o sonho de Mishima e o tamanho
de seu orgulho depois de ferido e sem brilho
perguntei por que Kawabata havia concordado
sobre a beleza de algo que ainda não conhecia
o peso que carregava nos bolsos era desejo

de conhecer o oposto que sugerem as margens
pesadas na frieza do empuxo

Santos

Arranco os cabelos
ao paredão de taipa de pilão
e os deixo nos buracos
- soube que se deixavam muitos
a fim de acabar com as dores
de cabeça que os atormentavam
após as horas de trabalho
que eram todas -
suada e seca
esfrego a pele procurando
a purpurina, extração de
sangue, suor e ouro nos braços.
Me escoro na superfície de adobe,
vislumbro as coxas,
e vejo os homens mancos,
me sinto tomada pela fé
toco-os.
um templo de sangue, calor,
fé, dores de cabeça e fezes.
um templo de calor, sangue,
dores de cabeça, fé e fezes.
um templo de fezes, dores de cabeça,
calor, sangue e fé.

FERNANDA BASTOS nasceu em Porto Alegre. É jornalista, poeta e editora. Atua como repórter na TVE RS e é CEO da Figura de Linguagem, casa editorial

sediada em Porto Alegre. Mestra em Comunicação, pela UFRGS, ela já publicou os volumes de poesia *Dessa Cor* e *Eu Vou Piorar*.